

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
MATEMÁTICA

# O PROTAGONISMO DA JUVENTUDE PATAXÓ NA LUTA INDÍGENA

Carlos Santana dos Santos Souza  
(Apêtxienã Pataxó)

Belo Horizonte  
2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
MATEMÁTICA**

**O PROTAGONISMO DA JUVENTUDE PATAXÓ NA LUTA INDÍGENA**

Carlos Santana dos Santos Souza  
(Apêtxienã Pataxó)

Percurso acadêmico apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte

2022

Carlos Santana dos Santos Souza  
(Apêtxienã Pataxó)

## **O PROTAGONISMO DA JUVENTUDE PATAXÓ NA LUTA INDÍGENA**

Percurso acadêmico apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação Matemática.

### **BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Maria Gorete Neto (UFMG) – orientadora

Profa. Dra. Vanessa Sena Tomaz (UFMG)

Prof. e Sábio Pataxó: Raoni Braz Vieira (Aldeia Barra Velha, Porto Seguro - BA)

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus e forças dos meus encantos de luz por me conceder a honra de estar realizando esse grande sonho. Agradecer a luta dos mais velhos que derramaram seu sangue para que hoje nós pudéssemos ter a oportunidade de ingressar na Universidade.

Agradeço ao povo Pataxó, esse povo guerreiro, que apesar de muitos saques, massacres, estamos até hoje resistindo e preservando nossos costumes e tradições que são passados de geração em geração.

A todos professores e bolsistas do FIEI que dedicaram todo tempo que tiveram conosco e facilitando em nosso ensino aprendizagem. Me sinto honrado por todo esse tempo que passamos juntos e posso dizer que estou levando uma bagagem de conhecimentos.

A Universidade Federal de Minas Gerais que vem abrindo as portas para os povos indígenas se qualificar cada vez mais.

Ao FIEI - Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, esse curso espetacular que tem uma grande interculturalidade.

A minha orientadora Maria Gorete que esteve a todo momento me incentivando, mesmo com o momento difícil que passou sempre me orientou esclarecendo todas as dúvidas. Sem palavras para essa mulher guerreira grande defensora dos direitos dos povos originários.

A todos os entrevistados que contribuíram para a realização desse trabalho direta ou indiretamente.

A todos meus colegas do FIEI em especial da Habilitação Matemática, aqui formamos uma grande família se incentivando uns aos outros.

A minha Família ao meu pai Ailton e minha Mãe Lourdes que apesar de todas as dificuldades que passamos sempre deram o melhor para eu ter uma boa educação e me tornar um cidadão de bem.

Em especial a minha esposa Taiane que foi uma das maiores incentivadoras para que eu chegasse aonde estou hoje, e também por cuidar de nossos filhos Kayênahá e Mykahá todo tempo que estive aqui estudando.

A toda juventude do povo Pataxó que vem se destacando na luta pela garantia de nossos direitos juntamente com nossas lideranças.

**Nitxi awêry**

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>2. CONJUPAB - Conselho de Juventude Pataxó da Bahia: estrutura e funcionamento.....</b>	<b>10</b>
2.1 Algumas ações da CONJUPAB.....	11
<b>3. O Coletivo de Jovens Mulheres Sarã Pataxó.....</b>	<b>20</b>
<b>4. Grupo Cultural Mayõ Upã Pakhê.....</b>	<b>21</b>
<b>5. A Juventude Pataxó e a Luta contra o Marco Temporal.....</b>	<b>24</b>
<b>6. O Acampamento “Luta pela Vida”.....</b>	<b>25</b>
<b>7. A contribuição do FIEI na formação de jovens lideranças.....</b>	<b>35</b>
7.1 A experiência de ser um representante estudantil indígena, os desafios e as conquistas.....	36
7.2 Outros momentos de formação da juventude no curso FIEI.....	41
a) O Mimãnam.....	41
b) Dia das mulheres indígenas.....	45
c) Seminários do FIEI.....	45
d) Lutas em defesa dos nossos direitos na universidade.....	47
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>51</b>

## APRESENTAÇÃO

Meu nome é Carlos Santana dos Santos Souza, nasci no dia 26/07/1991 no território Barra Velha. Sou filho de Maria de Lourdes dos Santos Souza e Ailton José Nobre de Souza. Venho de uma família tradicional do povo Pataxó que desde muito cedo me ensinou os valores para eu me tornar um cidadão de bem. Eles também me ensinaram a importância de valorizar a cultura do meu povo. Desde muito novo eu comecei ajudar meus pais no sustento da casa, nos finais de semana eu ia para a feira pegar fretes com um carrinho de mão e, com o dinheiro que eu ganhava, eu dava para meus pais para ajudar em casa.

Mesmo com toda dificuldade meus pais sempre priorizavam meus estudos. Eles sempre me falavam que eu só teria um bom emprego se eu focasse nos meus estudos. A primeira escola que eu estudei foi na aldeia, uma escolinha muito simples. Lá funcionava como escola e farinha. Quando a comunidade precisava fazer farinha, as aulas eram interrompidas, no Ensino Fundamental 2. A partir do sétimo ano, eu tive que estudar na EJA à noite, pois durante o dia precisava trabalhar para ajudar meus familiares. Durante um ano, devido alguns problemas, tive que desistir dos meus estudos. Mas, eu percebi que não estava seguindo o que meus pais me ensinaram e assim, com muita luta, consegui concluir o Ensino Fundamental.

O Ensino Médio tive que estudar fora da aldeia porque dentro da aldeia não tinha essa opção. Para mim, foi uma realidade totalmente diferente devido o preconceito de alguns não índios com nós, mas isso serviu para eu me fortalecer e aprender a defender os direitos do meu povo.

Eu sempre tive um grande interesse em participar das atividades culturais da minha aldeia, e através disso fui cada vez mais aprendendo sobre a cultura do povo Pataxó. As lideranças da minha aldeia começaram a ter um olhar positivo para mim, e começaram a me chamar para estar junto com eles em reuniões e ajudar organizar eventos na comunidade. Apesar de pouca idade, eu sempre quis ficar perto dos mais velhos. Quando eu percebia que eles estavam

conversando entre si, eu ia para junto deles, pois sabia que dali eu iria tirar um grande aprendizado.

Eu sempre tive uma ligação e uma facilidade com nossa língua ancestral - o Patxôhã. Graças a isso, tive a oportunidade de participar de vários encontros relacionado a língua materna do meu povo. Meu sonho era um dia me tornar professor de Patxôhã. O corpo escolar começou perceber a facilidade que eu tinha na escrita e no diálogo e fui solicitado algumas vezes para substituir alguns professores, quando eles tinham que sair para estudar. E, assim, fui conquistando meu espaço. Logo surgiu a oportunidade para eu atuar como professor na Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. Consegui obter um bom desempenho com minha metodologia de trabalho. Recebi o convite para atuar em uma das maiores escolas do povo Pataxó - a Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha - para mim, foi uma honra. Também desempenhei um ótimo trabalho, mas infelizmente foi interrompido por conta da pandemia porque naquele momento, nós professores indígenas, fomos todos demitidos.

Com a volta das atividades escolares fui convidado para atuar em outra escola referência do povo Pataxó - a Escola Indígena Pataxó de Barra Velha - onde estou atualmente.

Eu sempre fui um jovem que estive presente na luta incansável do meu povo. Juntamente com nossas lideranças mais velhas, passamos várias dificuldades juntos em viagens passando hora de comer, sendo massacrado por forças policiais, mas com esperança de buscar um futuro melhor para todos. E ali vendo a luta dos nossos velhos, eu observei uma coisa muito importante, o papel fundamental de nossa juventude dentro da luta indígena. A partir do momento que nossas lideranças levam a juventude para dentro dessa luta, é como se fosse uma escola de grandes aprendizados e aquilo muda totalmente a visão de um jovem, porque ali ele vai aprender a valorizar suas lideranças por passar juntamente com eles as dificuldades que nós enquanto povos indígenas sofremos na pele. Uma coisa sou eu falar de como é, outra coisa ele vivenciar isso.

Isso que me motivou a escrever esse percurso porque hoje nossa juventude tem um grande papel dentro de nossa luta, caminhando lado a lado com nossas lideranças. Mas, também somos formadores de opiniões e assim estamos cada vez mais conquistando o respeito de nossos líderes. Há algum tempo atrás, nós, jovens erámos tachados de não ter responsabilidade. Mas, com o trabalho e a militância que estamos desenvolvendo, estamos mudando isso. Assim, eu resolvi falar neste trabalho de conclusão de curso um pouco do protagonismo da juventude Pataxó dentro da luta indígena.



## 1. Introdução

Neste percurso acadêmico quero mostrar o protagonismo da juventude Pataxó na luta, no movimento indígena. Para algumas pessoas, o jovem é tachado como irresponsável, ou que não está nem aí para a luta indígena. Atualmente, nós da juventude Pataxó, estamos querendo rebater esse estereótipo, principalmente nesse momento difícil que os povos indígenas estão sofrendo.

Nossa inquietação começou em uma assembleia de caciques e lideranças que ocorreu na aldeia Barra Velha (Porto Seguro, BA) onde nossos líderes estavam discutindo várias pautas e nós estávamos meio que excluídos. Nós jovens decidimos nos reunir naquele momento e resolvemos questionar as lideranças. Nós queríamos estar atuando lado a lado com eles, pois tínhamos muito a contribuir com a luta. Nós só éramos lembrados para dançar o ritual, o Awê. A partir daí, as lideranças viram que realmente nossa juventude era essencial para fortalecer a luta deles.

Depois dessa reunião, nós da juventude Pataxó resolvemos montar de fato uma organização maior para estar fortalecendo as bases tanto na luta como na parte cultural. Fizemos uma grande reunião com um representante de jovens de cada aldeia Pataxó, para discutir algumas ações voltadas para juventude, daí surgiu a ideia de criarmos um conselho de juventude, o CONJUPAB (Conselho de Juventude Pataxó da Bahia). Nosso conselho começou a ganhar corpo no primeiro encontro territorial da juventude Pataxó da Bahia realizado na aldeia Barra Velha, em 14 a 16 de janeiro de 2016. O conselho de juventude Pataxó da Bahia tem como finalidade ser um conselho de segmento, em que o foco são os temas específicos referentes a juventude indígena Pataxó da Bahia.

Considero importante mostrar esse trabalho, pois na nossa região a juventude Pataxó é muito atuante. Deixar esse trabalho registrado é uma forma de mostrar e valorizar nosso trabalho, enquanto jovens lideranças, e também uma forma de despertar outros jovens a somar juntamente com nossos grandes líderes guerreiros, pois nós não somos o futuro de amanhã, já somos o presente de hoje.

## **2. CONJUPAB - Conselho de Juventude Pataxó da Bahia: estrutura e funcionamento**

O Conselho de Juventude Pataxó da Bahia, conforme seu estatuto, é por sua natureza um órgão consultivo, deliberativo e controlador das ações e políticas públicas voltadas a juventude indígena Pataxó. Como órgão consultivo, o objetivo é emitir parecer através de comissões especiais sobre todas as consultas que lhe forem dirigidas. Após aprovação do plenário, oferece recomendações e sugestões de quais devem ser as diretrizes e perspectivas das políticas e do orçamento.

Como órgão deliberativo reúne-se em sessões plenárias, decidindo, após discussão e por maioria simples de votos, todas as matérias de sua competência. Possibilita aos conselheiros participar das decisões sobre determinadas questões específicas no sentido de determinar a forma de execução de políticas, programas e ações concretas para a juventude.

Como órgão controlador, fiscaliza as entidades governamentais e não governamentais, recebe comunicações, representações ou reclamações de qualquer cidadão sobre violação ou ameaça de violação do direito dos jovens Pataxó deliberando em plenário e dando solução adequada. O CONJUPAB é composto por um conselheiro de cada aldeia Pataxó. Os conselheiros suplentes assumem automaticamente nas ausências e impedimentos dos conselheiros titulares, sendo recomendado suas presenças em todas as reuniões plenárias, podendo participar dos assuntos e matérias discutidas, porém, somente votando quando substituírem os titulares.

São órgãos do Conselho, o plenário, a diretoria e as comissões especiais. O plenário é composto pelos conselheiros em exercício pleno de seus mandatos e é órgão soberano das deliberações do conselho. O plenário só pode funcionar com a presença da maioria absoluta dos conselheiros e as deliberações serão tomadas por maioria simples de votos dos conselheiros presentes na sessão. A diretoria cuida dos processos de administração do conselho, é reguladora dos seus trabalhos e fiscal de sua rotina. A presidência é exercida pelo presidente do conselho e, em sua ausência ou impedimento, pelo vice presidente. O mandato da diretoria coincide com o mandato dos conselheiros.

São atribuições do Presidente: presidir sessões plenárias, tomando parte nas discussões, e votações com direito a voto; decidir soberanamente as questões de ordem, reclamações e solicitações em plenário; convocar sessões ordinárias, extraordinárias ou solenes; proferir voto de desempate na sessão plenária; distribuir as matérias para as comissões especiais; assinar a correspondência oficial do conselho.

As comissões técnicas são órgãos delegados e auxiliares do plenário, a quem compete verificar, fiscalizar, opinar e emitir parecer sobre as matérias que lhes forem atribuídas. As comissões técnicas são compostas de um presidente, um relator e por especialistas convidados na sua área de atuação que emitirão parecer sobre todas as matérias que lhe forem distribuídas.

A secretaria do conselho é exercida pelo secretário geral. A secretaria mantém registro de correspondência recebida e emitida com os nomes dos remetentes e destinatários e respectivas datas, livro de ata das sessões plenárias, livro de registro da posse dos membros do conselho, cadastro dos membros do conselho, com anotação quanto à posse, período do exercício como conselheiro e demais circunstâncias pertinentes a vida funcional. Ao secretário geral compete secretariar as sessões do conselho, manter sobre sua supervisão livros, fichas e documentos do conselho, prestar informações que foram requisitadas e expedir certidões, orientar a atualização cadastral de entidades governamentais e não governamentais que prestem assistência e atendimento a jovens.

## **2.1 Algumas ações da CONJUPAB**

Nessa pandemia de COVID 19, nossa juventude fez algumas ações solidárias. Nosso povo Pataxó aqui do extremo sul da Bahia, a maior parte sobrevive do turismo, da venda de artesanato. Só que nesse momento de pandemia parou tudo e muitos de nosso povo passaram muita dificuldade. Nossa juventude resolveu se reunir e ver o que a gente poderia fazer para estar ajudando. Fomos a uma organização não governamental que é grande parceira nossa, o Instituto Mãe Terra, e perguntamos em que eles poderiam estar nos ajudando. Eles tinham um convênio com o Banco Itaú e assim

disponibilizou três meses de cestas básicas. Nosso trabalho foi catalogar as famílias mais vulneráveis para estar distribuindo as cestas.

Perdemos o primeiro parente Pataxó de Coroa Vermelha para a Covid-19 e não houve despedida. Por isso, foi ainda mais doloroso. Após ficar internado durante um tempo, o nosso parente Pataxó saiu do hospital com o corpo completamente lacrado. Ou seja, foi tirado de nós o último adeus. Não pudemos nem velar seu corpo, como é de costume na despedida em nossa cultura. Foram momentos de calamidade esses. Além de não termos tido a chance da despedida do nosso Pataxó, para nós teve outra situação que também é muito difícil.

Nossa equipe se colocou na linha de frente. Arriscamos as nossas vidas e a vidas das pessoas que mais amamos para tentar amenizar os problemas que nossas comunidades enfrentavam, além da saudade e da falta da despedida de seus entes.

No início da pandemia, ficamos muito preocupados em vermos a situação de muitas famílias dentro das nossas aldeias. A nossa maior fonte de renda e de boa parte das famílias era resultado de vendas de artesanatos, de redes de hotéis e do funcionalismo público. Mas o dinheiro sumia a cada dia e as necessidades só aumentavam. Os hotéis fecharam e muitas pessoas ficaram sem seus respectivos empregos. Os funcionários públicos que trabalhavam na área da educação foram todos dispensados até sem direito ao auxílio emergencial, logo nos 3 primeiros meses de pandemia.

Começamos mobilizar um grupo menor do CONJUPAB, fizemos nossas primeiras reuniões online para vermos o que poderia ser feito. Então, fomos buscar parceria com alguns apoiadores. Fizemos a campanha do quilo. A campanha do quilo ela foi feita da seguinte forma: colocamos nos *status* nas redes sociais, por conta de conseguir maior quantidade de visualizadores e doadores “pedimos a sua ajuda doando um quilo de alimento não perecível, pois nossa comunidade passa por tempos difíceis e juntos somos mais forte”.

Aí as pessoas iam visualizando e mesmo com um pouco em suas casas faziam questão de multiplicar esse pouco fazendo a doação do quilo. Uns doavam 1 quilo, outros 2 quilos e assim seguia conforme a condição financeira de cada doador. Ao longo dos dias percebíamos que todo mundo se ajudava, pois as pessoas nos mandavam mensagens para irmos em suas casas pegar

os alimentos. Fomos aos comércios que se encontravam abertos para pedir alimentos, remédios, fraldas descartáveis, produtos de limpeza e máscaras. Fizemos rifas também. A gente conseguia os alimentos e dividia em cestas para doarmos para as famílias que mais necessitavam no momento. Eram muitas, muitas mesmo! Em algumas casas onde a gente chegava foi preciso doar duas cestas por semana, porque eram cheias de crianças. A gente saía com mais vontade de lutar para enfrentar aqueles dias terríveis, mas que foram de grande aprendizado.

Nosso conselho da juventude conseguiu atender mais de 300 famílias vulnerabilizadas. Conquistamos 150 cestas básicas por meio do Instituto Mãe Terra e fizemos um rodízio para ajudar as outras comunidades dos municípios de Porto Seguro, Prado e Itamaraju. Fizemos algumas rifas solidárias: uma foi específica para um dos nossos guerreiros que nos deixou, o Arauí Pataxó. Foi quando um parente, o Daniel Pataxó, nos doou um cocar de penas de arara no valor de 700 reais para ser rifado em prol do guerreiro. Fizemos uma mobilização arretada e com a graça de Tupã e força dos nossos encantados conseguimos entregar em mãos para a sua família o valor de R\$3.700,00.

Outro evento que realizamos foi o Primeiro Acampamento da Juventude Pataxó na Reserva Pataxó da Jaqueira, com o objetivo de apresentar o CONJUPAB e como funciona nosso conselho. O acampamento da Juventude Pataxó da Bahia foi um sucesso. Mais de 80 jovens Pataxó, moradores das mais de 40 aldeias indígenas em Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Prado, acamparam em solo sagrado da Reserva da Jaqueira, para debater os desafios e oportunidades para estruturação e fortalecimento do Movimento da Juventude Indígena Pataxó na Bahia.

O I Acampamento da Juventude Pataxó, idealizado pelo Conselho da Juventude Pataxó da Bahia (CONJUPAB) e executado pelo Instituto Mãe Terra, com patrocínio da Bahia Gás e apoio do Instituto Pataxó de Etnoturismo (ASPECTUR), Prefeitura de Porto Seguro, Veracel Celulose e Fundação Nacional do Índio, dentre outros, foi marcado por trocas de saberes e partilha de sonhos para a juventude e para todo o Povo Pataxó.

Figura 1: Membros do CONJUPAB no primeiro acampamento da juventude Pataxó na Reserva da Jaqueira



Fonte: Mãe Terra, aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira, 22 de fevereiro de 2019.

**Figura 2: Membros do Conselho de Juventude Pataxó da Bahia durante o primeiro acampamento da juventude Pataxó na Reserva da Jaqueira.**



Fonte: Apêtxienã Pataxó, aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira, 21 de fevereiro de 2019.

**Figura 3: Membros do conselho de juventude Pataxó da Bahia em reunião na aldeia Bugigão**



Fonte: Kefas Matos, aldeia Bugigão, 24 de janeiro de 2020.

Durante o encontro, foi discutido o papel da Juventude Pataxó frente ao atual quadro de violência contra os povos indígenas do Brasil. Também foi dada especial atenção à reivindicação pela demarcação dos seus territórios tradicionais e a permanência de políticas públicas afirmativas, a exemplo da saúde e educação diferenciadas. Durante a programação, foi realizada a eleição e posse dos jovens para comporem o CONJUPAB.

Sobre a importância desse movimento, Rafaela Pataxó, uma das articuladoras do movimento, afirma:

Jovem hoje, liderança hoje também, com a responsabilidade em fazer um povo crescer. E para aqueles que não querem igualdade, eis aqui uma juventude guerreira de verdade. (Rafaela Pataxó, jovem da Aldeia Juerana e uma das articuladoras do evento, 21 de fevereiro de 2019)



O mais novo cacique do Povo Pataxó, Siratã Pataxó, chefe indígena anfitrião do encontro, destacou que:

a juventude é convocada a dar continuidade à jornada dos anciões, como reconhecimento por toda a história de luta dos mais velhos, dedicada à conquista do território e de políticas públicas para o Povo Pataxó. (Siratã Pataxó, 22 de fevereiro de 2019)

Dentro das nossas ações, também realizamos algumas oficinas. Uma delas foi sobre os rituais do nosso povo, com o objetivo de trazer conhecimento sobre a importância do ritual Pataxó e o dever que devemos ter pelo sagrado. Esse grande evento foi realizado por nós jovens da Aldeia Velha. A ideia foi fazer um grande encontro com pajés, parteiras e benzedeiros, com o intuito de fortalecer o trabalho dos nossos grandes mestres, que trabalham com essa parte espiritual. Vimos que muitos de nossos jovens estavam meio dispersos nessa parte espiritual do nosso povo. Com ajuda de alguns parceiros nós conseguimos trazer um pajé e uma parteira de cada aldeia Pataxó aqui do extremo sul da Bahia. Eles contaram suas experiências e as dificuldades para não deixar adormecer essa tradição. O resultado dessa oficina foi ótimo, pois podemos despertar o dom e o interesse de alguns jovens para esse trabalho. O evento contou com mais de 200 indígenas.

**Figura 4: Jovens e anciões durante o encontro de pajé, parteira e benzedeiros na Aldeia Velha.**



Fonte: Instituto Mãe Terra

**Figura 5: Guerreiros Pataxó consagrando a medicina do rapé durante o encontro de Pajés, Parteiras e Benzedeiras na Aldeia Velha**



Fonte: Instituto Mãe Terra

**Figura 6: Guerreiros Pataxó em momento de ritual buscando a espiritualidade.**



Fonte: Macylene Pataxó

Além dos eventos acima, também participamos da ação do dia da limpeza realizada em mais de 180 Países, que tem o objetivo de recolher lixos poluentes e recicláveis de praias e rios.

**Figura 7: Juventude Pataxó recolhendo lixo das Praias.**



Fonte: Willian Trajano

Segundo o presidente da AJIP, William Trajano, "o mundo inteiro vive uma grave crise ambiental e a população brasileira precisa abraçar a luta por um meio ambiente protegido e preservado". (Depoimento retirado do site oficial da AJIP, [www.ajip.com.br](http://www.ajip.com.br)).

Pneus, garrafas pet, isopor e sacolas de supermercado foram os tipos de lixos mais encontrados na praia da Barra, popularmente conhecida e visitada por visitantes da região. Ao final dos mutirões, os resíduos passam por uma triagem, onde é feita a seleção por categorias (metal, plásticos, papel, etc.), a contagem e a pesagem. Alguns desses resíduos foram usados como reciclagem.

Através de suas organizações de base, Associação de Jovens Indígenas Pataxó - AJIP, Conselho da Juventude Pataxó da Bahia e Coletivo de Mulheres

Sarã Pataxó foram os organizadores da Mobilização que também contou com o apoio da Secretaria Municipal de Assuntos Indígenas de Santa Cruz Cabralia, Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Pesca e Prefeitura Municipal de Santa Cruz Cabralia. Abaixo, os entrevistados explicam o que são esses coletivos da juventude Pataxó.

### **3. O Coletivo de Jovens Mulheres Sarã Pataxó**

Kecia Guedes fala sobre esse assunto. Devido ao momento de pandemia, e tomando os devidos cuidados, a entrevista foi feita através do aplicativo WhatsApp, no dia 25 de janeiro de 2022:

A Sarã Pataxó é uma iniciativa das Jovens Pataxó de diversos territórios na busca pela unificação das nossas lutas enquanto mulheres indígenas. É um espaço para articulação, formação política, fortalecimento cultural, diálogos entre nós, Mulheres Pataxó. Espaço construído de forma coletiva, pensado por nós e para nós Mulheres Pataxó. Sarã significa “raiz” na nossa língua Patxôhã. Como raízes, crescemos em direções opostas ao caule das árvores, porém são as raízes as responsáveis por sustentar e nutrir toda a árvore. Nós, Mulheres Pataxó, acreditamos que somos como raízes, nutrimos e damos forças aos movimentos e linhas de frente em defesa dos nossos direitos. Nos organizamos através de uma coordenação Geral, composta por 2 coordenadoras, 2 secretárias gerais, 2 diretoras de comunicação, 2 conselheiras fiscais. Além da coordenação geral, temos duas representantes das aldeias, sendo que cada comunidade elege suas duas representantes que serão a ponte entre coordenação e bases. Participações ativas nas atividades desenvolvidas pelas nossas comunidades, marchas, mobilizações, cursos de formações, oficinas culturais, reuniões e assembleias do nosso povo, lives, bate papos e rodas de conversas, dentre outros. “Somos as sementes de luta, plantadas e regadas por aquelas que vieram antes de nós, lutaremos por aquelas que ainda virão”. (Kecia Guedes, Presidente do Coletivo de Jovens Mulheres Sarã)

**Figura 8: Coletivo de Jovens Mulheres em manifestação nas ruas de Brasília.**



Fonte: Coletivo de Jovens Mulheres Pataxó.

#### **4. Grupo Cultural Mayõ Upã Pakhê.**

Outro grupo de jovens é o Grupo cultural de jovens Mayõ Upã Pakhê. O grupo cultural de jovens Mayõ Upã Pakhê significa luz da cultura, começou quando alguns jovens da aldeia Coroa Vermelha foram chamados para fazer uma apresentação na missa que tem todos os anos em Coroa Vermelha quando se comemora o dia que foi celebrada a primeira missa no Brasil. Nós sentimos a necessidade de estar retornando com os awê que tinha todo final de semana na aldeia Coroa Vermelha, resolvemos nos reunir nos sábados, daí começamos as organizações, criar ideias e objetivos e assim foi criado o grupo.

Segundo Lucas Pataxó (Tahao), membro do grupo, em entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2022 via WhatsApp:

Ao meu ver o grupo Mayõ, o grupo MUP, tem sim sua grande contribuição dentro do território indígena de Coroa Vermelha, porque dentro de todos territórios indígenas, ao meu ver, o território de Coroa Vermelha está em constante contato com a cultura não indígena, por estar inserido dentro da cidade e que existe inúmeras problemáticas que outras comunidades também enfrentam. Mas que tem toda essa complexidade de resistência e de resistir para existir, literalmente diariamente realmente evoluindo pegando todos pontos da cultura não indígena mas sempre agregando a nossa cultura.

O grupo Mayõ vem realmente nessa pegada de proporcionar todos jovens indígenas que nunca tiveram essa vivência cultural dos nossos

mais velhos, até não indo muito atrás que nossos pais e professores tiveram com a cultura com os cânticos com os rituais e que infelizmente Coroa Vermelha é tão forte quanto essas aldeias mais internas. O grupo tem proporcionado a alguns jovens esse minuto de vivência de verdade na cultura e na espiritualidade e que realmente é uma contribuição grande com os Pataxó.

E conseqüentemente ao meu ver acaba influenciando outras comunidades no sentido que por ser um grupo para jovens Pataxó e feito por jovens Pataxó faz com que muitos outros jovens começam realmente a criar movimentos e articulações em suas comunidades para que realmente a cultura continue forte e presente. A gente sabe que um povo sem cultura não é realmente um povo o que realmente diferencia é sua cultura, sua história, toda essa questão cosmológica, espiritual faz valer que o MUP tem proporcionado isso na vida das pessoas.

(Tahão Pataxó, entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2022 via WhatsApp)

Para Janaron Pataxó, em entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2022, via Whatsapp:

A importância do grupo MUP para a comunidade ela é uma ferramenta onde os jovens tem a possibilidade de estar presente na cultura, fazemos várias atividades para que os jovens possa estar inserido na cultura, para eles não estar dispersando no mundo de hoje, a importância do grupo é manter os jovens na cultura e manter o jovem Pataxó sempre forte e resistindo e lutando para não deixar morrer.

(Janaron Pataxó ,entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2022 via WhatsApp)

**Figura 9: Grupo cultural Mayõ Upâ Pakhe reunidos para o ritual.**



Grupo MUP Fonte: Lucas Pataxó

**Figura 10: Grupo Mayõ Upâ Pakhê em apresentação do Awê no Sete de setembro em Porto Seguro.**



Grupo MUP Fonte: Lucas Pataxó

**Figura 11: Grupo Mayõ Upâ Pakhê nós jogos indígenas a Aldeia dos Pataxó Hãhãhãe**



Grupo MUP Fonte: Lucas Pataxó

AJIP, SARÃ e MUP todas são organizações da juventude Pataxó ligadas diretamente a CONJUPAB, pois todos que são coordenadores desses núcleos são membros diretos da coordenação geral do Conselho da Juventude Pataxó da Bahia. Esse é o intuito do conselho: dar empoderamento à juventude e fazer jovens multiplicadores em seus territórios.

Por fim, uma ação que está em nosso plano de trabalho que não deu para realizar é um encontro com a juventude Pataxó de Minas Gerais, com objetivo de fazer articulação política e fortalecimento institucional das organizações e intercâmbio entre os jovens Pataxó de Bahia e Minas. Em breve, esperamos realizar essa atividade.

## **5. A Juventude Pataxó e a Luta contra o Marco Temporal**

A inquietação não parou por aí. Nossos caciques têm um grande conselho onde eles discutem entre eles a luta do nosso povo. Nos reunimos mais uma vez e resolvemos chamar os caciques para que fosse incluído um representante da nossa juventude dentro desse conselho. E assim foi feito. Atualmente sou eu o representante da juventude dentro desse conselho. Isso facilitou muito, pois nós começamos a ficar por dentro de tudo que estava acontecendo, principalmente nesse cenário político atual que estamos vivendo.

Nossas lideranças mais velhas ficaram muito preocupadas com essa questão do marco temporal, pois iria retirar todos nossos direitos:

A tese do chamado “marco temporal”, uma proposta ruralista que restringe os direitos indígenas. Segundo esta interpretação, considerada inconstitucional, os povos indígenas só teriam direito à demarcação das terras que estivessem em sua posse no dia 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição. Essa tese é defendida por empresas e setores econômicos que têm interesse em explorar e se apropriar das terras indígenas. (CIMI, artigo online de 06.09.2021)

E assim eles começaram a se articular para ir reivindicar isso em Brasília. Como são muitos caciques e lideranças mais velhas de luta, e também



por questões de dificuldade de transporte, não daria para levar todas as lideranças, principalmente a juventude.

Aí ficamos inquietos, resolvemos nos reunir e surgiu a ideia de a gente tentar conseguir um ônibus para levar nossos jovens para o acampamento “Luta pela vida”, que iria juntar representantes indígenas do Brasil inteiro para se manifestar contra o marco temporal. Mas, o valor de um ônibus para Brasília é muito caro, e nem sequer nossos caciques nunca conseguiram locar um ônibus com o dinheiro próprio deles para ir em Brasília.

Resolvemos ousar e começamos a fazer várias ações. Fizemos uma grande reunião com a juventude, perguntamos se realmente todos estariam dispostos a abraçar essa causa, e assim todos falaram que iam dar o máximo para a gente estar nesse grande movimento dos povos indígenas do Brasil.

Primeiro, começamos a pedir alguns adereços do nosso povo como cocar, colar, brincos, quadros pintados e resolvemos fazer algumas rifas com esses adornos para começar arrecadar dinheiro. Outra estratégia foi ir em alguns colaboradores, pedir alguns patrocínios para realizarmos um torneio de futebol e assim fizemos. E enquanto estava acontecendo o torneio, fizemos alguns lanches para vender no próprio torneio para arrecadar fundos. Outra forma, foi fazer pedágio na BR, também fizemos alguns *cards* falando do nosso interesse em ir em Brasília reivindicar nossos direitos e divulgamos nas redes sociais.

Essas foram estratégias que, apesar de muito cansativas, deu muito certo, e assim conseguimos 16 mil reais, que era o valor do aluguel do ônibus. Mas, nossa luta não parou por aí, pois já não bastava só a locação do ônibus, também tinha o custo para alimentar na estrada. Então, não paramos. Nós temos alguns influencers muito famosos nas redes como amigos e pedimos ajuda a eles para que passassem nossa causa a amigos deles que têm uma boa condição financeira. Ficamos muito gratos, pois todos abraçaram a causa da juventude.

## **6. O Acampamento “Luta pela Vida”**

E assim seguimos rumo à capital do Brasil. Nossa juventude saiu da aldeia Coroa Vermelha no dia 20 de agosto de 2021, às 14 horas. Chegamos

em Brasília dia 22 por volta das 20 horas. Daí começamos a montar nossas barracas de camping. Nossa luta já começou daí: uma grande maioria dos nossos jovens foi a primeira vez que saíram de nossa aldeia e muitos começaram a se sentirem mal, por conta do clima seco de Brasília. Sem contar que no local do acampamento tinha muita poeira. Para tomar banho e usar um banheiro era muita dificuldade, filas imensas, sem contar fazer algumas necessidades no banheiro químico. Na hora do café, almoço e jantar era muita dificuldade também: filas imensas! A organização do evento não estava preparada para receber a grande quantidade de pessoas:

Entre as últimas semanas de agosto, seis mil indígenas, de 176 povos de todas as regiões do país, estiveram presentes em Brasília, reunidos no acampamento “Luta pela Vida” para acompanhar o julgamento no STF e lutar em defesa de seus direitos, protestando também contra a agenda anti-indígena do governo Bolsonaro e do Congresso Nacional, na maior mobilização indígena desde 1988. (CIMI, artigo online de 06.09.21)

No primeiro dia de evento, nossa delegação foi almoçar já era por volta das 17 horas. Alguns de nossos jovens tiveram que ir ter atendimento médico e passamos por toda essa dificuldade durante a semana do acampamento.

Nossa luta para fazer valer nossos direitos nunca foi fácil. Mas, mesmo com todas as dificuldades, isso não fez a gente desanimar, muito pelo contrário, nos fortaleceu mais ainda.

Dentro da programação do acampamento, tivemos uma plenária onde diariamente eram discutidas várias pautas. Inclusive teve pauta exclusiva para a nossa juventude, quando nós falamos da importância da juventude dentro da luta. Quem está fortalecendo a cultura dos povos indígenas somos nós! Destacamos também que a gente não estava ali só para dançar o ritual, mas que poderíamos contribuir de outras formas, pois tem vários de nossos jovens formados e outros se capacitando.

Nosso grande objetivo dentro desse movimento é reivindicar e mostrar nossa força contra esse marco temporal que quer tirar o direito de demarcação dos nossos territórios. A Constituição de 1988 assegura que nós somos os primeiros habitantes e donos dessa Terra. Pela Constituição, a terra é um bem

da União e ela tem por obrigação a demarcação para os seus habitantes tradicionais:

**Art. 231.** São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

**§ 2º** As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. (BRASIL, Constituição Federal, 1988)

Atualmente os povos indígenas do Brasil vêm sofrendo várias retaliações com o atual governo genocida, comandado pelo presidente da República Jair Bolsonaro. Junto com os ruralistas, vem praticando vários massacres contra os povos indígenas e ferindo nossos direitos na Constituição.

Na data de 22 a 28 de agosto seria votado no STF (Supremo Tribunal Federal) o marco temporal, quando seria decidida a vida de nosso povo. Ocupamos as ruas do Distrito Federal, com nossos rituais, nossas faixas de protesto para dar visibilidade à nossa luta.

**Figura 12: Jovens da etnia Pataxó fazendo seu ritual em frente a sede da Funai em Brasília.**



Fonte: Mupoiba Movimento Unido dos povos indígenas da Bahia

**Figura 13: Militantes da juventude Pataxó durante manifestação nas ruas de Brasília.**



Fonte: Lucas Pataxó

**Figura 14: Jovens Pataxó em frente a Câmara dos deputados em Brasília fazendo seu ritual.**



Fonte: Mupoiba Movimento Unido dos povos indígenas da Bahia

**Figura 15: Guerreiros Pataxó em manifestação durante o fechamento da BR 101.**

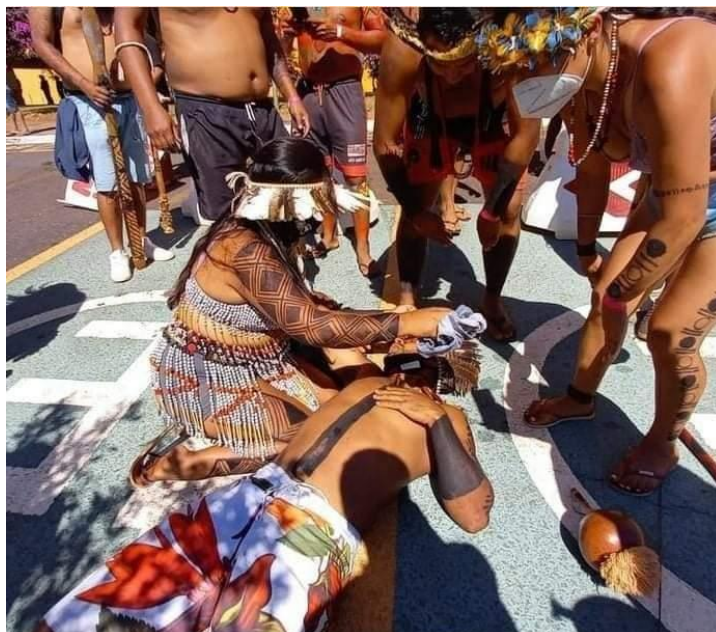


Fonte: Kauana Pataxó

Em frente ao STF, nossos organizadores montaram um telão para a gente acompanhar a votação do marco temporal. Todos apreensivos a cada fala, a cada voto. Foi muito clima de nervosismo, estava na face de cada um. Durante os dias que estávamos em Brasília, eles adiaram a votação, querendo vencer nosso povo pelo cansaço. Sem contar as ameaças que recebíamos no acampamento.

Para a juventude foi muito tenso, pois para grande parte dos que foram era a primeira vez que saíram da aldeia e em alguns momentos houve intimidação por parte dos policiais e até enfretamento contra nós indígenas com bomba de gás lacrimogêneo e balas de borrachas. Muitos indígenas saíram feridos e machucados.

**Figura 16: Indígenas passam mal durante confronto da Polícia em Brasília.**



Fonte: Mídia Índia.

**Figura 17: Povos indígenas são atacados pela polícia com bomba de gás lacrimogêneo durante manifestação por seus direitos em Brasília.**



Fonte: Mídia Índia.

**Figura 18: Repressão Policial contra os povos indígenas em Brasília.**



Fonte: Mídia Índia

**Figura 19: Bombas que foram atiradas contra os indígenas.**



Fonte: Mídia Índia

**Figura 20: Cavalaria da Polícia confrontando indígenas em Brasília.**



Fonte: Mídia Ninja

**Figura 21: Indígenas passam mal por conta de repressão Policial.**



Fonte: Mídia Índia.

Eu mesmo com tudo isso fui parar no hospital, preocupado com toda situação que poderia ocorrer com nosso povo. Saí inconsciente. Pela parte da manhã fomos todos para frente da câmara dos deputados onde ocorreria o julgamento do marco temporal. Estávamos todos ansiosos e aflitos, tinham



muitos indígenas cada um fazendo seus rituais. Nós Pataxó também começamos fazer os nossos através de nossos cantos e danças. Nesse dia o ritual foi muito forte, não paramos quase nem um momento. Por volta das 13 horas veio a notícia de que o julgamento tinha sido adiado. Nossas lideranças pediram alguns marmitex para a gente almoçar. Ali mesmo no local almoçamos e descansamos. Às 14h30min, tínhamos uma agenda no MEC – Ministério da Educação. Como era perto, fomos caminhando. De repente, me deu uma tontura. Falei com meu amigo que estava passando mal. Aí sentei, de repente comecei sentir falta de ar, sentir calafrios, meus braços e pernas começaram adormecer e me levaram imediatamente para o hospital. Chegando lá tive essas crises novamente. Fiz uma bateria de exames que não constatou nada. O médico disse que poderia ser crise de ansiedade, pela preocupação com aquilo que estávamos vivendo.

Mas, isso não fez nosso povo recuar, muito pelo contrário. Até hoje tudo que nós indígenas conquistamos foi através de muita luta e sangue derramado. E assim a gente deu nosso recado. Eles adiaram o julgamento para semana seguinte.

Após o início do julgamento e os adiamentos das sessões, parte dos indígenas decidiu manter a mobilização em Brasília e nos territórios. Assim, cerca de 1.200 lideranças indígenas, representando seus povos, permaneceram em Brasília, e o acampamento “Luta pela Vida” foi transferido para um novo local, a Funarte. (CIMI, artigo online de 06.09.21)

E por questões de logística, algumas delegações tiveram que retornar para as bases. Mas, outra parte continuou no acampamento. Nas bases, nós continuamos nosso movimento. Todos os dias de votação, as principais BR (estradas estaduais e federais) eram fechadas em forma de protesto. E eles continuaram adiando, mas nosso movimento não parou, pois nossa luta é contínua.

Quando nós fechamos a BR, nossas Lideranças primeiro reúnem com todos os caciques de cada aldeia para estar mobilizando cada comunidade. Geralmente, o local escolhido é onde tem uma aldeia mais próxima para facilitar a logística de dormida e alimentação. Antes de ir, a juventude juntamente com as lideranças sai em busca de alimentação e mantimentos

para os dias de movimentos. A BR é sempre fechada logo que o dia clareia e a partir daquele momento enquanto não ouvir uma resposta positiva por parte dos governantes fica fechada por tempo indeterminado. Só abre em casos de saúde. Enquanto a BR está fechada, nós, juventude, ficamos o tempo todo na pista cantando e dançando nosso ritual.

**Figura 22: Povo Pataxó fechando a BR**



Fonte: Acervo do autor.

**Figura 23: Povo Pataxó fechando a BR**



Fonte: Acervo do autor

## **7. A contribuição do FIEI na formação de jovens lideranças**

O curso Formação Intercultural para Educadores indígenas (FIEI) tem uma grande contribuição na formação de jovens lideranças. Atualmente, nas aldeias tem muitos jovens que terminam o Ensino Médio e não tem uma perspectiva do que vai fazer e desde que o FIEI trouxe essa oportunidade vem abrindo caminhos para a juventude. A formação, além de dar essa oportunidade também tem uma ótima estrutura com os melhores profissionais e um excelente acompanhamento, e isso faz com que o jovem tenha esse olhar diferenciado e incentive outros a fazer o vestibular.

Dentro do FIEI tem e já passou vários jovens militantes da causa indígena, a universidade abre esse leque para que nós enquanto indígenas nos sintamos em casa, temos total abertura para fazer nossos rituais, nossos saberes e fazeres.

No FIEI, tem vários jovens que estão iniciando na luta, muitos que sequer saíram de suas aldeias, e assim eles começam a vivenciar uma realidade totalmente diferente do que está acostumado. Mas, com o aprendizado que os colegas e professores passam, vai despertando o líder que tem dentro dele e faz com que ele volte para sua aldeia com outro olhar.

Esta formação também tem um papel fundamental na vida do jovem profissional da educação. Tem caso de vários jovens que falavam que nunca iria assumir uma sala de aula por motivo de insegurança ou por ver a luta que é ser um profissional da educação. Só que a formação é justamente também para isso, qualificar o professor, e somos formados pelos melhores profissionais em uma das melhores universidades. E assim acontece dentro de sala, os professores fazem com que aqueles mais tímidos se expressem cada vez mais, e os que tem mais experiência fiquem mais capacitados com novas metodologias de ensino. Através disso, temos vários jovens adentrando e ocupando esse espaço na área da educação.

Isso é um motivo de orgulho para nossas lideranças mais velhas, pois eles lutaram muito, até perderam suas vidas para hoje nós estarmos dentro da

universidade, e nossa missão é buscar esse conhecimento e dar retorno em nossas bases.

### **7.1 A experiência de ser um representante estudantil indígena, os desafios e as conquistas.**

Uma das coisas que o FIEI proporciona é a atuação dos representantes estudantis indígenas e esse é também um momento de formação da juventude. São dois representantes titulares e dois suplentes que têm assento no colegiado FIEI e nas reuniões do Conselho Consultivo Indígena do FIEI (o Conselho Consultivo é formado por lideranças e sábios de todos os povos que estão no curso). Em geral, são dois estudantes Xakriabá e dois Pataxó. Esses estudantes não representam apenas o seu povo, mas todos os estudantes de todos os povos do curso.

Abaixo, apresento duas entrevistas com dois representantes Pataxó sobre a experiência deles como representantes de todos os indígenas do curso. Ahnã é da habilitação em Ciências da Vida e da Natureza e Lucas, da habilitação em Matemática. No momento, eles estão finalizando o mandato de representação deles.

Entrevista realizada com Ahnã Pataxó representante do colegiado do FIEI em 12/09/2022.

A experiência de ser um representante estudantil é bem desafiante porque é uma responsabilidade grande falar em nome de todos. Tem momentos que você tem tempo de falar e fazer reuniões e ouvir a opinião de todos. Mas, tem momentos que as decisões tem que ser tomada ali de imediato e com tudo isso também se aprende muito. Aprendemos que as coisas não são de nosso jeito e que existe um sistema que estamos dentro dele. Muitas das vezes nós enquanto indígenas achamos que é fácil só ir lá cobrar e conseguir. E sendo representante você se depara muitas vezes com coisas que impedem as coisas que almejamos. Ao mesmo tempo que é desafiador também é uma experiência grande porque nos deparamos e conhecemos as burocracias que

dentro de nossa realidade nós não conhecemos. Os desafios são enormes. Atualmente estamos enfrentando os cortes de nossos direitos dentro da universidade e estamos sentindo na pele as dificuldades de estar aqui em Belo Horizonte, de sair de nossas aldeias, deixar família, preparar planos de aulas para deixar professores substitutos em nossas bases. Com tudo isso é necessário que nós sairmos de nossas aldeias para conhecer novas realidades era desconhecidos para nós. É uma grande experiência estar junto dos parentes e ver a solidariedade entre nós. E já ir preparando outro para assumir essa representatividade do colegiado. Eu acredito que não estamos aqui por acaso, acredito muito em minha espiritualidade e sei que fomos escolhidos para estar aqui. Assim é uma luta contínua pois essa luta é de todo um povo que está nos esperando para ser compartilhado esse conhecimento.

(Ahnã Pataxó)

Entrevista realizada com Lucas Pataxó representante no colegiado do FIEI em 12/09/2022.

Para mim é uma honra estar representando todos estudantes Pataxó e todos estudantes indígenas que atuam no FIEI. Tentamos acompanhar de perto as demandas dos estudantes, corremos atrás de melhorias e assistência para todos, recursos para que todos estudantes sejam bem assistidos para ter uma boa condição de estudo e tenha um bom desenvolvimento, e darem retorno a suas respectivas comunidades. Então, tentamos buscar sempre estar incentivando as pessoas a continuarem no curso e estar valorizando o curso fazer eles verem o que é a responsabilidade de ser um estudante do FIEI. Hoje é uma luta para nós estarmos aqui e refletirmos que antes nós teve outros que passaram por aqui, que teve maiores dificuldades e pelo que eles passaram conseguimos adquirir melhorias. Uns dos primeiros desafios e lidar com parentes, com pessoas, e realmente é complicado. Temos que repassar informações, fazer escolhas que não queremos e sim o melhor para todos no

coletivo. Então, essa é a visão de quem está a frente que algumas pessoas no geral não tem e aí acaba dificultando o trabalho, todo desenrolar de uma conquista que pode ser coletiva. Fora isso o nosso grande desafio também é animar com essa pandemia e esse governo acabamos tendo muitas dificuldades de assistência e os recursos se tornou algo de difícil acesso. Exemplo são as duas últimas turmas que entraram, que estão sem bolsa permanência, isso dificulta muito a permanência dos estudantes, e até mesmo o interesse de novos estudantes estarem se inscrevendo. Esses foram os grandes desafios: ter que animar quem já está no curso e até incentivar quem gostaria de entrar em outro momento. Quando entram, nós buscamos lutar para que eles tenham a assistência devida.

(Lucas Pataxó)

**Figura 24: Representantes estudantis durante ritual no Mimanã**



Fonte: Maria Gorete Neto – Setembro de 2022

**Figura 25: Turma da Matemática do FiEi reunidos para formatura da turma CVN.**



Fonte: Itohã Hãhãe

**Figura 26: Estudantes do FIEI do povo Pataxó fazendo Ritual na Reitoria da UFMG durante Formatura da turma CVN**



Fonte: Apêtxienã Pataxó

**Figura 27: Turma da Matemática em sala de aula**



Fonte: Apêtxienã Pataxó

**Figura 28: Estudantes do FiEI reunidos durante ritual no Mimãñãm.**



Fonte Apêtxienã Pataxó.



## 7.2 Outros momentos de formação da juventude no curso FIEI

Na Formação Intercultural para Educadores Indígenas nós temos vários momentos que são importantes na formação de jovens líderes. Abaixo, apresento alguns desses momentos e espaços.

### a) O Mimãnam.

O Mimãnam é um espaço muito importante que temos no FIEI. Mimãnam foi feito e benzido por nossos irnuy (irmãos) Maxakali. Lá que nós temos nossos momentos de rituais, e lá que nós buscamos a conexão com nosso sagrado. A cidade grande é muito diferente do sossego de nossas aldeias. Às vezes, nos deparamos em momentos de saudades da família e do nosso habitat natural, e são nesses momentos de rituais que nós buscamos nos fortalecer. Através de nossos rezos e cânticos, cada povo tem seu momento de expressar seu ritual e ali se forma uma grande diversidade cultural de povos indígenas. Na foto abaixo é possível ver o Mimãnam ao centro da roda de estudantes indígenas.

**Figura 29: Mulheres reunidas para celebrar o dia internacional das mulheres indígenas no Mimãnam.**



Fonte: Rodrigo Pataxó

O Mimãnam é um dos lugares onde podemos experienciar a espiritualidade na UFMG. Quando se fala de juventude e espiritualidade os desafios são muitos, pois o mundo moderno traz uma série de coisas que tiram o foco de nossos jovens do mundo espiritual. E nós jovens lideranças e multiplicadores da cultura devemos ter essa preocupação de estar orientando esses jovens, fazendo reflexões de como isso é importante para nós enquanto juventude. Nossos mais velhos têm um grande saber ancestral que se nós não buscarmos com eles esses conhecimentos vão acabar se perdendo. Eu acredito que sem a força da nossa ancestralidade não vamos conseguir vencer as batalhas. Todos os dias nós travamos uma grande batalha espiritual e só vamos conseguir vencer se estivermos preparados de corpo e alma com as forças de nossos rezo e de nossas medicinas sagradas. Nós enquanto juventude devemos buscar cada vez mais esses saberes com nossos mais velhos, pois a cada dia enfrentamos uma batalha diferente principalmente nas lutas pela garantia de nossos direitos, nas retomadas de nossos territórios em fechamentos de BR. Para irmos para esses espaços de lutas temos que ter toda uma preparação antes, pois nenhum soldado vai para guerra despreparado sem suas armas. Assim somos nós povos indígenas devemos ter toda uma preparação espiritual que vai muito além desse mundo carnal no qual é segredo de nossos velhos.

Temos grandes exemplos disso na nossa estadia, no momento que estamos aqui em Belo Horizonte um lugar que não é nosso habitat natural. Nos deparamos com várias situações difíceis, já tivemos muitos casos de pessoas passando mal ou doentes durante os estudos na universidade e antes não tínhamos costume de fazer nossos rituais com frequência. Depois, começamos fazer a prática desse rituais de fortalecimento aqui na universidade, e até mesmo no hotel, e percebemos que isso nos fortaleceu muito e atualmente continuamos buscando essa força através de nossos cânticos sagrados, de nossas medicinas sagradas.

Nosso povo tem alguns jovens que estão buscando cada vez mais se fortalecer dentro desse mundo espiritual. Atualmente já temos exemplos de jovens guerreiros que já assumiram a missão da pajelança, outros já estão sendo preparados para assumir essa missão, pois nossos velhos estão indo

embora, eles são os nossos livros de conhecimentos. A partir do momento em que um ancião se vai, ali é um grande livro de conhecimento que se fecha com ele. Na entrevista abaixo, a liderança Raoni Pataxó fala um pouco sobre espiritualidade e juventude.

Raoni Pataxó uma grande referência para nosso Povo fala sobre a importância de estarmos conectados a espiritualidade. Entrevista realizada em 12/09 de 2022.

O processo de luta espiritual para juventude e principalmente para o povo Pataxó eu sempre falo que por natureza nós sempre estamos dentro desse contexto espiritual, por outro lado depende muito da dedicação e da prática de cada um, alguns anos atrás essa prática espiritual do nosso povo era praticada no dia a dia no cotidiano da família e da comunidade no contexto coletivo e na atualidade com o que nosso povo Pataxó vem vivendo e vivenciando com outras culturas o chamado mundo moderno então essa prática tem sido cada vez menos praticada entre nosso povo, e aí a gente observa poucos jovens que se dedicam e se identificam e praticam esse contexto espiritual do povo Pataxó.

Então de certa forma tem sido desafiante, a importância de primeiro nos cuidamos espiritualmente para irmos para as demais lutas seja ela pelo território o no contexto familiar comunidade e escolar, está sendo muito desafiante a gente cultivar a prática espiritual do nosso povo. Mais por outro lado a gente vê alguns jovens Pataxó se identificando e buscando, acho que o mais importante de tudo isso da luta espiritual é o jovem buscar os mais velhos buscar a base, buscar a raiz para estar dentro desse processo de aprendizado também, porque o mundo espiritual é esse contexto de aprendizado. Quando nós buscamos nossos mais velhos essas orientações nós vamos praticar respeitando esse mundo espiritual que o povo Pataxó tem e vive, mas que de certa forma a prática tem sido muito pouca. Exemplo são as questões dos banhos sagrados, das ervas nos rituais que eram feitos rituais de passagens, ritual de agradecimento, tudo isso está dentro do contexto espiritual do nosso povo, que de certa forma o mundo espiritual ele é uma luta árdua e uma luta cotidiana e, se nós não praticarmos isso vamos, nos fragilizando, esquecendo

dessas práticas dessa luta espiritual que é muito importante no nosso dia a dia seja para o jovem para a criança mulher ou homem, os nossos velhos que são detentores desses conhecimentos jamais eles deixam essa bandeira cair, eles vão estar lá no seu cantinho no seu mundo praticando e muita das vezes praticando por nós que não fazemos isso no dia a dia. Às vezes, nós só pensamos em praticar o ritual e praticar o mundo espiritual dentro do ritual, mas não é isso. A luta espiritual ela é cotidiana desde o momento que você vai dormir, quando você acorda, quando você sai da sua casa, de como você conversa com seus entes queridos, de como você lida com suas próprias criações, com seu kuké (cachorro), com os pássaros que andam no seu quintal, na preparação da medicina que você faz, tudo isso está dentro do contexto espiritual. E tem muito mais a luta espiritual, ela é sagrada com seus segredos nem tudo que a gente vê com nossos velhos, que a gente ouve com nossos velhos, jamais podemos estar colocando para os outros para o mundo do homem branco, é um cuidado também que devemos ter quando vamos escrever ou quando vamos falar e assim devemos ter esses devidos cuidados.

(Raoni Pataxó)

**Figura 30: Raoni Pataxó passando o incenso sagrado durante manifestação em Brasília.**



Fonte: Acervo do autor.

### **b) Dia das mulheres indígenas.**

No período em que estamos no FIEI é o período em que ocorre o dia das mulheres indígenas. Esse é um grande momento, pois a mulher indígena tem um papel muito importante nas lutas e na vida cotidiana. São grandes guerreiras que apesar de ainda sofrer muito preconceito por parte do machismo de uma boa parte da população, não se deixam abater com isso, muito pelo contrário, ficam muito mais forte.

Percebe-se isso dentro curso, por exemplo, para elas virem para Belo Horizonte o trabalho e o gasto delas é maior, pois muitas ainda estão com filhos pequenos e tem que trazer cuidadores para cuidar de seus filhos. Isso é um gasto a mais tanto de passagem e de alimentação. Nesse grande dia, nós confeccionamos vários cartazes de conscientização e ocupamos a Faculdade de Educação cantando e dançando nossos rituais e mostrando para todos o valor que tem a mulher indígena.

### **c) Seminários do FIEI.**

Os seminários que acontecem no FIEI são outros grandes momentos de formação para os jovens, pois vem sempre com uma programação repleta de conteúdos riquíssimos que busca valorizar os saberes e fazeres dos nossos povos originários. Na maioria das vezes quem ministra essas palestras são nossos próprios mestres indígenas, professores e anciões do nosso povo com sua vasta sabedoria e abordam temas riquíssimos de medicina tradicional do nosso povo, língua e toda ciência que envolve a cultura indígena. E ali forma-se uma grande roda de conversa entre palestrantes e estudantes. Outra forma que nos chamam muito atenção são os documentários que eles nos dão a honra de assistir ali e nos faz refletir muito.

Uma das melhores partes de nosso seminário é quando tem uma palestra de nossos anciões, pois eles têm uma sabedoria imensa e com sua humildade em suas falas dão uma grande aula de conhecimentos tradicionais, e também é uma forma deles se sentirem valorizados. Hoje eu tenho orgulho da Universidade Federal de Minas Gerais, pois ela valoriza nossos anciões como

nenhuma outra universidade faz, hoje temos vários anciões com títulos de doutor por notório saber, intitutados para UFMG.

**Figura 31: Estudantes do FIEI no seminário temático, ouvindo as histórias de vida da grande Mestra Maria Muniz.**



Fonte: Welington dias.

**Figura 32: Estudantes do FIEI no seminário no Auditório Neidson Rodrigues FAE UFMG.**



Fonte: Rodrigo Pataxó

#### d) Lutas em defesa dos nossos direitos na universidade.

Dentro do FIEI nós fazemos vários atos em prol da garantia de nossos direitos. Uma de nossas grandes lutas é em defesa da garantia da bolsa permanência que é um direito nosso e que esse desgoverno quer nos arrancar à força. A bolsa permanência é de suma importância para nossa estadia dentro do curso, pois através dela nós conseguimos nos manter com hospedagem, alimentação e compra de materiais para nosso estudo e nos últimos anos esse atual governo vem cortando e tirando isso de nossa população.

Em maio de 2019 fizemos uma grande manifestação nas ruas de Belo Horizonte, reunimos várias pessoas indígenas e não indígenas adepta de nosso movimento. Ali mostramos nossa indignação através cartazes e de nossos cânticos paramos as ruas da capital mineira. Foi lindo de se ver jovens e nossos anciões nessa luta, e foi nesse grande movimento que surgiu conhecido bordão “vamos dançar, balançar o cachimbó trazer o Bolsonaro amarrado no cipó”.

**Figura 33: Estudantes do FIEI durante manifestação nas ruas de Belo Horizonte pelo direito da garantia da bolsa permanência.**



Fonte Apêtxienã Pataxó

Eu juntamente com outros colegas tive a oportunidade de ir em Brasília no 1 Fórum Nacional de Educação Superior indígena e Quilombola representando a Universidade Federal de Minas Gerais que aconteceu entre os dias 04-08 de outubro de 2021, e teve a participação de várias representações indígenas e quilombolas de todo Brasil.

**Figura 34: Representantes do FIEI UFMG fazendo reivindicações durante o Fórum de Educação Superior em Brasília.**



Fonte Apêtxienã Pataxó

Nos anexos, seguem algumas reportagens sobre o Fórum de Educação Superior em Brasília.



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dessa pesquisa mostra a organização da juventude, na luta pela garantia de nossos direitos e por mais políticas públicas para os jovens. Há uns tempos atrás, o jovem era tachado de não ter responsabilidade e com isso não tinham muito a confiança de nossos velhos. A forma de nós mudarmos isso é ter nossa própria autonomia, ter organizações próprias da juventude. E assim eu trouxe nessa pesquisa algumas organizações de juventude que temos ativas no Povo Pataxó. Trago as ações que elas desenvolvem para ajudar o povo, também da participação crucial da juventude Pataxó na frente de luta contra o marco temporal. Trago reflexões da importância de os jovens estar buscando mais a nossa espiritualidade juntamente com nossos velhos.

O FIEI também tem uma grande contribuição na formação de jovens lideranças. Para mim, significou muito fazer essa pesquisa relacionado a juventude porque acompanho a luta do nosso povo desde muito novo. Vejo que o jovem tem um papel fundamental na luta do nosso povo, costumo falar que nós enquanto jovens não queremos tomar a frente de nossas lideranças mais velhas, mas sim caminhar lado a lado, aprendendo com eles.

Para mim, foi uma experiência inigualável estar trazendo essa temática em meu trabalho de conclusão de curso, pois estou falando de algo que estou dentro desde muito novo. Porque não dar essa visibilidade para a juventude do meu povo? Com certeza, eu quero dar continuidade a essa pesquisa, pois creio que ainda tenho muito a desenvolver sobre esse tema.

## REFERÊNCIAS

BRASIL **Constituição Federal**, Brasília, 1988, Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf) Acesso em: 05 jan 2022.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário, “Em todo o Brasil, povos indígenas mobilizam-se contra o marco temporal”. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/09/brasil-povos-indigenas-mobilizam-se-contramarco-temporal/> Acesso em: 05 jan 2022.

## ANEXOS

### REPORTAGEM SOBRE OS EVENTOS EM BRASÍLIA

#### **Permanecer é Preciso”: Estudantes indígenas e quilombolas realizam o I Fórum de Educação Superior, em Brasília**

*Nos próximos cinco dias, cerca de 700 estudantes irão debater sobre os desafios do acesso e permanência de quilombolas e indígenas no ensino superior brasileiro*



I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola, outubro de 2021. Foto: Regis Guajajara/ Mídia Índia  
POR ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO CIMI

Nesta conjuntura de retirada de direitos, estudantes indígenas e quilombolas se mobilizam frente as dificuldades de permanência nas universidades e realizam o “I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola – FNESIQ”. Com o tema “Os desafios do acesso e permanência de quilombolas e indígenas no ensino superior brasileiro”, o evento está organizado em forma de acampamento, instalado no espaço da Fundação Nacional de Artes (Funarte), em Brasília.

Em mobilização permanente, após reunião da Coordenação Nacional dos Estudantes Indígenas e Quilombolas com as entidades dos movimentos nacionais indígena e quilombola, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), deliberam pela realização do Fórum. O objetivo é somar forças contra os retrocessos que, atualmente, são impostos à Educação Superior Indígena e

Quilombola. “Permanecer é preciso”, destaca a baixa do evento exposta no acampamento.

*“Com o tema ‘Os desafios do acesso e permanência de quilombolas e indígenas no ensino superior brasileiro’, o evento está organizado em forma de acampamento”*



I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola, outubro de 2021. Foto: Adi Spezia/Cimi

Ao longo dos próximos cinco dias, de 4 a 8 de outubro, entono de 700 estudantes de todos os estados irão debater sobre os desafios do acesso e permanência de quilombolas e indígenas no ensino superior brasileiro. A abertura do Fórum ocorreu na tarde da última segunda-feira, 4, com rituais e roda de cantos.

Arlindo Baré, representando o Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (ENEI), destacou a importância do Fórum, da mobilização permanente diante da escalada de retrocessos, inclusive na Educação Pública. “Os estudantes que aqui estão é porquê entenderam o chamado, que o tema é importante. Dando sequência às manifestações dos acampamentos ‘Luta Pela Terra’ e ‘Luta Pela Vida’, em seguida à II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, agora chegou a hora da juventude mostrar sua força e somar nessa luta”, assegura Arlindo Baré.

O momento histórico foi destacado pelo secretário executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Antônio Eduardo Cerqueira. “Os povos indígenas e os povos negros são a maioria da população brasileira, então imagine a perspectiva em que se constrói essa articulação entre os povos, imagine a perspectiva dessa luta. Só tem uma palavra, esperança. É o Brasil que está se levantando, é o Brasil que está lutando”, destacou Eduardo, durante a abertura do Fórum.

*“Dando sequência às manifestações dos acampamentos ‘Luta Pela Terra’ e ‘Luta Pela Vida’, em seguida à II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, agora chegou a hora da juventude mostrar sua força e somar nessa luta”*

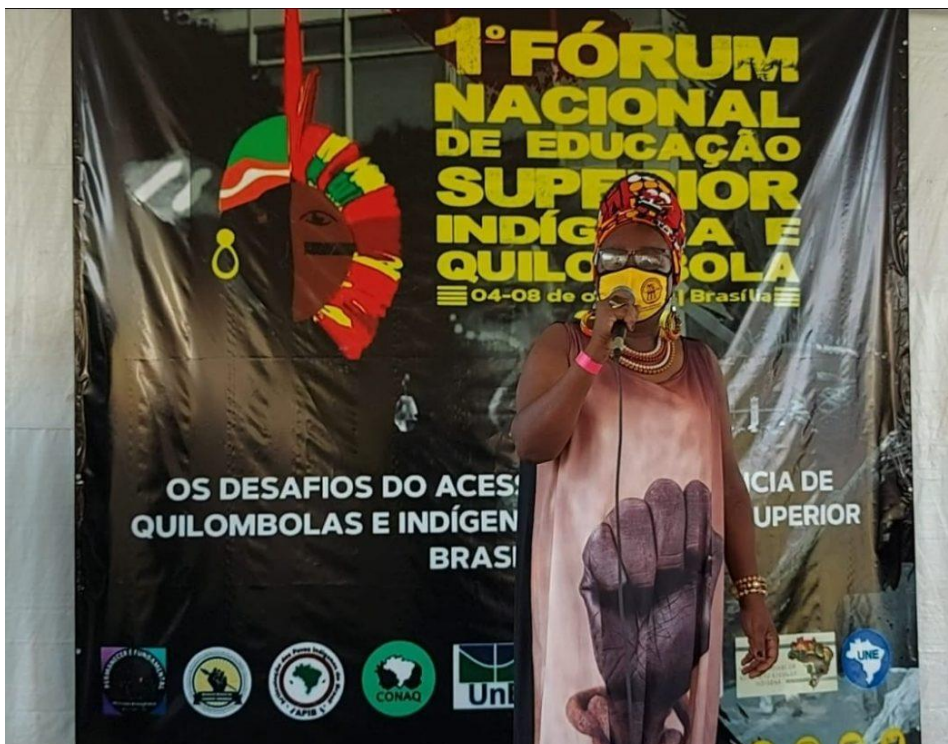


Arlindo Baré na abertura do I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola. Foto: Adi Spezia/Cimi

A educação é a luta que une a flecha e a caneta, e também, o maracá com o atabaque. Izabel Garcia, do Movimento Negro Unificado (MNU), destacou a resistência e a participação do povo negro na Universidade. “Sempre estivemos na luta pelas políticas públicas, principalmente nas políticas de Educação. Não podemos parar, nós somos resistência, nós somos quilombo, somos parte desse povo brasileiro”, reafirma Izabel.

A luta é para garantir a bolsa permanência dos estudantes e uma educação básica de qualidade que atenda todos os povos, essa é a principal pauta frente a falta de apoio e reconhecimento que os indígenas e quilombolas têm dentro da universidade. Além do desrespeito para com os direitos adquiridos e a invisibilidade da luta desses povos.

*“Sempre estivemos na luta pelas políticas públicas, principalmente nas políticas de Educação. Não podemos parar, nós somos resistência, nós somos quilombo, somos parte desse povo brasileiro”*



Izabel Garcia na abertura do I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola. Foto: Adi Spezia/Cimi

“Essa luta e resistência não devem recuar. A universidade tem cara de mulher preta, indígena, periférica, da universidade pública que é sucateada 24 horas, e que no seio dela quer abarcar os povos indígenas e quilombolas. Não adianta nós militantes, ativistas da educação defendermos a universidade pública sem antes defender os povos indígenas e quilombolas”, lembra Tel Guajajara, diretor executivo da União Nacional dos Estudantes (UNE). Além do acesso à universidade, é preciso pensar na permanência desses estudantes, é isso que o Fórum busca, reforça o estudante.

Por sua vez, Paulino Montejo, assessor político parlamentar da Apib, destacou o embrião da luta pela educação pública e as políticas indigenistas. “Há mais de 30 anos temos dito, índios e negros são irmãos de mesma história, de mesma luta. Seguimos, homens e mulheres, sempre com a testa erguida jamais nos dobraremos a qualquer domínio político ideológico das oligarquias, que historicamente quiseram sumir conosco, nos massacrar, inclusive como tem sido agora durante a pandemia. Vamos mudar essa história”, finaliza Montejo com um “fora Bolsonaro”, seguido pelos participantes do evento.

*“Essa luta e resistência não devem recuar. A universidade tem cara de mulher preta, indígena, periférica e que no seio dela quer abarcar os povos*